



III Congresso Internacional da África Lusofona
Os contributos africanos para a construção de um paradigma global

Magnífico Reitor
Eminências
Ilustres Professores
Participantes,
Minhas Senhoras Meus Senhores

A minha presença, tem a intenção de expressar a admiração e o subido apreço que reservo a esta casa, aos seus profissionais, académicos e estudantes, pelo que têm representado nesta árdua tarefa de edificação da nossa Comunidade de Países de Língua Portuguesa, a CPLP. Uma saudação particular se faz merecida pelas múltiplas iniciativas que celebram o dia de África; pelo simbolismo do marco, mas também mais ainda pelas reflexões que assim ficam reunidos como contributos para a compreensão deste momento político e económico e as suas fortes repercussões sociais, todas elas, causa e efeito ainda definidas mais no campo das suposições e do “trial and error”.

Saúdo o III Congresso Internacional da África Lusofona e felicito a organização pela intenção de promover esta reflexão sobre “Os contributos africanos para a construção do paradigma global” animado com a perspectiva de partilhar a minha visão sobre os principais desafios da actualidade.

Obrigado por me fazerem parte desta manifestação e por associarem a CPLP cujo Secretariado Executivo aqui também represento e sobre o qual oportuno algumas notas de referência (obrigatórias) para lembrar que...

A CPLP é a afirmação positiva dos povos e nações que se intersectam pela língua oficial portuguesa, como resultado de séculos de convivência e partilha e que validam o seu interesse em prosseguir juntos a procura incessante do bem-estar dos seus povos, através da partilha solidária, da concertação política e diplomática e da cooperação nos

mais diversos domínios. Na verdade, a CPLP assenta o princípio da sua existência e consolidação no aproveitamento das potencialidades e o vasto manancial de riquezas da diversidade dos seus Estados Membros.

A Lusofonia está a desenvolver-se e se consolidando sendo na actualidade, creio eu, um termo que obedece ao princípio da globalização e interdisciplinaridade onde se almeja afirmar uma identidade comunitária, para além da questão linguística.

Apesar da afirmação de igualdade em direito não se pode ignorar a elevada desproporcionalidade de meios e heterogeneidade económica e geográfica entre os Estados membros desta comunidade e o que representam:

1. Demograficamente, a população dos nossos países varia desde pouco mais de uma centena de milhar até mais de uma centena de milhões;
2. Total descontinuidade de territórios – Localização em quatro continentes diferentes;
3. Realidades económicas regionais muito díspares;

É assim a defesa da diversidade e o diálogo intercultural que se constituem no fundamento central para assegurar um tratamento igualitário pelo menos em direito entre todos os Estados Membros.

Os Estados membros da CPLP, fruto dos laços consolidados pela nossa comunidade, tornaram-se canais de comunicação privilegiados entre regiões e sub-regiões à escala planetária. Os Estados membros da CPLP juntos, tornam-se mais fortes no plano internacional, uma vez que a nossa voz multilateral faz-se ouvir com mais impacto. Juntos, Portugal deve representar o canal preferencial e prioritário de ligação à Europa assim como o Brasil para o Mercosul e a América, Angola e Moçambique para a SADC, Guiné para UEMOA, e todos para África... Juntos, reclamamos ser muitos milhões de falantes; e portanto uma força impossível de ignorar.

Que contributo e papel se reserva a África?

A propósito do paradigma, do modelo global, socorro-me de Ladislav Dwbor quando afirma que “o padrão de produção e consumo típico do capitalismo, e hegemónico há séculos, está em crise. Em seu lugar, emergem relações sociais mais sustentáveis, democráticas e ... prazerosas”.

Outrora o capitalismo funcionava segundo a palavra de ordem bem conhecida:

“O cliente é rei”. Hoje quase não existe essa referência; o sistema funciona quase exclusivamente em função das trocas. Vende-se e compram-se ações e os actores deste jogo do dinheiro nas bolsas internacionais ganham dez ou vinte vezes mais por dia do que aqueles que investem o seu dinheiro na produção. Voltou-se ao capitalismo mercantil.

A versão herdada, é que se nos esforçarmos todos o máximo possível para obter o máximo de vantagem pessoal na corrida económica, no conjunto tudo vai avançar mais rápido. Misturando a soma de vantagens individuais, o Utilitarismo, e a sobrevivência do mais apto, geramos um tipo de guerra de todos contra todos, o que os americanos chamam de *global rat race*, que está se esgotando como mecanismo regulador, e que está inclusive nos levando a impasses planetários cada vez mais inquietantes.

O deslocamento mais importante na teoria económica se refere ao gradual esgotamento da competição como principal instrumento de regulação económica, além de principal conceito na análise da motivação, da força propulsora que estaria atrás das nossas decisões económicas.

O que está despontando com cada vez mais força, é que somos condenados, se quisermos sobreviver, a desenvolver formas inteligentes de articulação entre os diversos objetivos económicos, sociais, ambientais e culturais, e conseqüentemente formas inteligentes de colaboração entre os diferentes atores que participam da construção social destes objetivos. O deslocamento consiste na gradual substituição do paradigma da competição pelo paradigma da colaboração.

Onde estão os Estados Africanos neste “jungle económico” com repercussões sociais e políticas ainda de todo imprevisíveis?

Africa ainda apresenta indicadores de desenvolvimento humano e económicos muito frágeis precisa urgentemente de uma análise mais aturada das causas e mecanismos de abordagem para ultrapassar as barreiras que ainda a encerram, e encontrar o seu proprio modelo.

Vejamos que a própria globalização à escala planetária se apresenta condicionada a blocos regionais porque a ligação norte-sul é ainda vista na perspectiva do que internamente representava o êxodo campo-cidade. Todos temos memoria do receio que se tinha da mistura e invasão da praça (dos centros urbanos) pelos do campo – os rurais.

Ora enquanto África continuar a ser vista e a ver-se como continente da tradição, do passado, das guerras, das doenças e sobretudo da experimentação dos modelos de “Bretten Woods” será muitas dificuldades a lá chegar.

Compreende-se logicamente que mesmo a nível intelectual seja mais cómodo ficar-se pela nova herança académica “civilizada” (está tudo inventado) em desprimor da iniciativa e do empreendedorismo; os princípios consuetudinários ainda por conhecer, sistematizar e enquadrar na quintessência da sapiência humana que fomos adquirir nos quadrantes civilizados. A ser essa a via, há que procurar esse paradigma escondido. Procurá-lo com a ajuda também daqueles que conhecem, vivificam e aplicam esses princípios e valores consuetudinários, integrando-os na estrutura do próprio Estado, fundindo, assim, os dados políticos do modernismo ocidental com a África profunda ainda pouco conhecida pelos próprios africanos.

Quais afinal esses factores para a construção do paradigma?

I. Afirmação do Estado. Um Estado democrático e plural.

O modelo Europeu Ocidental do Estado e a observância dos princípios democráticos são sem sombra de dúvidas as referências mais universais da organização da sociedade humana contemporânea. A tentativa de adaptar e utilizar esse modelo mais que aceitável é amplamente recomendável. Contudo, o elemento identitário tem de se fazer presente para não nos transformarmos em meros objectos da história; Temos de partir de nós próprios para chegarmos a nós próprios, dizia Joseph Ki Zerbo.

O Estado de Direito e a democracia não podem continuar a valer só na medida em que forem aptos a proporcionar-me o poder, divorciando-se do combate à pobreza e a promoção do desenvolvimento sustentável.

O divorcio entre a voz e a praxis deve ser um elemento a ter em conta na sondagem do hipotético paradigma africano de Estado de direito.

II. A língua – as línguas europeias são as línguas oficiais dos Estados Africanos. O português é a nossa língua. Temos de a assumir, temos de a interiorizar e temos dela servir para chegar ao mundo da ciência, das tecnologias e das culturas universais.

Mas a promoção dessas línguas (do Português) não deve significar nem assentar-se na asfixia ou decadência das línguas africanas. Seria dramático e com isso a perda

irreparável de uma identidade e de toda a carga cultural a elas associadas. Antes pelo contrário, o Português contemporâneo deve representar o encontro de todas as culturas que se intersectam para definir a nossa lusofonia em construção – cada vez mais rico e diversificado, cada vez mais sustentado. Há que promover a aprendizagem do português como uma mais valia no mundo do trabalho e facilitadora de acessos a novos mercados e novas oportunidades de negócio (valor económico da língua).

III. «Historia magistra vitae» - história é mestra de vida – disciplina formadora do espírito, porque nos ensina a raciocinar logicamente e, para lá da ciência, pela consciência.

A História anda sobre dois pés, o da liberdade e o da necessidade. Se considerarmos a História na sua duração e na sua totalidade, compreendemos que há simultaneamente continuidade e ruptura sendo os dois necessários para formar o nosso espírito. Infelizmente ainda são múltiplos os momentos em que o africano continua se orientando por dogmas e crenças cuja origem e fundamento desconhece integralmente. Sustentamos ainda muito a ideia de que África é tradição e arte. Ora a África também é actualidade, oportunidade e desenvolvimento.

“Impõe-se não só virar a página mas mudar de dicionário”.

IV. Educação – A educação sob todas as suas formas (Amartya Sen – Nobel da Economia) aumenta a produtividade, que, por sua vez contribui para a expansão económica, articulando o crescimento económico e o desenvolvimento humano sustentável. Os Estados Africanos são muitas vezes impelidos a menosprezar a educação perante outras prioridades. Derek Bok (Presidente da Universidade de Harvard 1971-1991) afirmou a esse propósito – “if you think education is expensive, try ignorance”.

Eis os desafios que se colocam ao africano.

Chamo no entanto a atenção que não assumo a definição do africano pelo estereótipo do negro nascido em África e sim daquele que se identifica, vive e assume o desafio de África. O local de nascimento e os traços fisionómicos podem ser um bónus.

O desenvolvimento é o processo de expansão das liberdades humanas reais. “Assim como no que diz respeito à acumulação do capital, há uma evolução da abordagem predominantemente material para a abordagem essencialmente qualitativa da produtividade dos seres humanos, também no processo de desenvolvimento deve haver

um deslocamento da ênfase do capital humano para a capacidade humana, conceito que incorpora a expansão das liberdades enquanto resultado e factor da transformação social” (Amartya Sen).

A perspectiva do desenvolvimento como processo de expansão das liberdades humanas reais e formais, de Amartya Sen, é central no relacionamento da universidade com a identidade e o progresso no contexto dos nossos Estados.

Eis os que escolhi como elementos estruturantes da nossa comunidade e que representam factores determinantes do novo paradigma para o desenvolvimento dos Estados Africanos.

Muito obrigado!